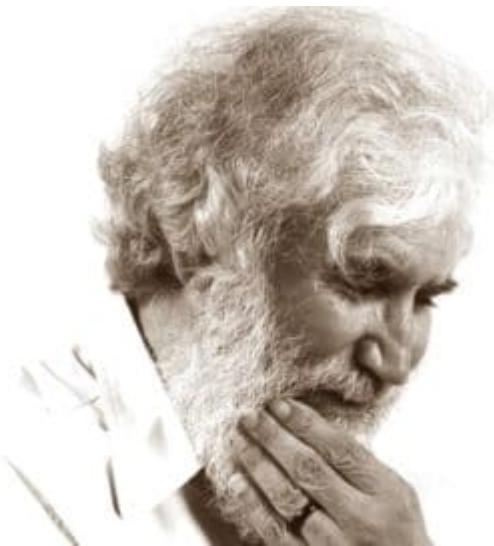


O advento de uma biocivilização



Por **LEONARDO BOFF***

A economia, a política e a cultura devem estar a serviço da manutenção e da expansão das virtualidades presentes em todas as formas de vida

Vou direto ao ponto: dentro do atual paradigma civilizatório, da modernidade, é possível outra agenda ou tocamos nos seus limites intransponíveis e temos que buscar um outro paradigma civilizatório se quisermos continuar ainda viver sobre este planeta?

Minha resposta se inspira em três afirmações de grande autoridade.

A primeira é da *Carta da Terra*, assumida pela UNESCO em 2003. Sua frase de abertura assume tons apocalípticos: "Estamos diante de um momento crítico da história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro... A nossa escolha é: ou formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a destruição da diversidade da vida" (Preâmbulo).

A segunda afirmação severa é do Papa Francisco na encíclica *Fratelli tutti* (2020): "estamos no mesmo barco, ninguém se salva por si mesmo, ou nos salvamos todos ou ninguém se salva" (n. 32).

A terceira afirmação é do grande historiador Eric Hobsbawm em sua conhecida obra *A era dos extremos* (1994) em sua frase final: "Não sabemos para onde estamos indo. Contudo, uma coisa é certa. Se a humanidade quer ter um futuro aceitável, não pode ser pelo prolongamento do passado ou do presente. Se tentarmos construir o terceiro milênio nessa base, vamos fracassar. E o preço do fracasso, ou seja, a alternativa para a mudança da sociedade é a escuridão" (p. 562).

Em outras palavras: o nosso modo de habitar a Terra, que inegáveis vantagens nos trouxe, chegou ao seu esgotamento. Todos os semáforos entraram no vermelho. Construímos o princípio da autodestruição, podendo exterminar toda a vida com armas químicas, biológicas e nucleares por múltiplas formas diferentes. A techno-ciência que nos fez chegar aos limites extremos de suportabilidade do planeta Terra (*The Earth Overshoot*) não tem condições, por si só, como o mostrou o Covid-19, de nos salvar. Podemos limar os dentes do lobo pensando que lhe tiramos, ilusoriamente, sua voracidade. Mas esta não reside nos dentes, mas em sua natureza.

Portanto, temos que abandonar o nosso barco e ir além de uma nova agenda mundial. Chegamos ao fim do caminho. Temos que abrir um outro diferente. Caso contrário, como disse em sua última entrevista antes de morrer Sigmund Bauman: "vamos engrossar o cortejo daqueles que rumam na direção de sua própria sepultura". Somos forçados, se quisermos viver, a nos recriar e reinventar um novo paradigma de civilização.

a terra é redonda

Dois paradigmas: do *dominus* e do *frater*

Vejo nesse momento o confronto entre dois paradigmas: o paradigma do *dominus* e o paradigma do *frater*. Em outra formulação: o paradigma da *conquista*, expressão da vontade de poder como dominação, formulada pelos pais fundadores da modernidade com René Descartes, Isaac Newton, Francis Bacon, dominação de tudo, de povos, como nas Américas, na África e na Ásia, dominação das classes, da natureza, da vida e dominação da matéria até em sua última expressão energética pelo Bóson Higgs.

O ser humano (*maître et possesseur* de Descartes) não se sente parte da natureza, mas seu senhor e dono (*dominus*) que nas palavras de Francis Bacon “deve torturar a natureza como o torturador faz com sua vítima até que ela entregue todos os seus segredos”. Ele é o fundador do método científico moderno, prevalente até os dias de hoje.

Esse paradigma entende a Terra como mera *res extensa* e sem propósito, transformada num baú de recursos, tidos como infinitos que permitem um crescimento/desenvolvimento também infinito. Ocorre que hoje sabemos cientificamente que um planeta finito não suporta um projeto infinito. Essa é a grande crise do sistema do capital como modo de produção e do neoliberalismo como sua expressão política.

O outro paradigma é o do *frater*: o irmão e a irmã de todos os seres humanos entre si e os irmãos e as irmãs de todos os demais seres da natureza. Todos os seres vivos possuem como Dawson e Crick mostraram nos anos de 1950, os mesmos 20 aminoácidos e as 4 bases nitrogenadas, a partir da célula mais originária que surgiu há 3,8 bilhões de anos, passando pelos dinossauros e chegando até nós humanos. Por isso, diz a Carta da Terra e enfatiza fortemente o Papa Francisco em suas duas encíclicas ecológicas, *Laudato Si: sobre o cuidado da Casa Comum* (2015) e a *Fratelli tutti* (2020): um laço de fraternidade nos une a todos, “ao irmão Sol, a irmã Lua, o irmão rio e a Mãe Terra” (LS n. 92; CT preâmbulo). O ser humano se sente parte da natureza e possui a mesma origem que todos os demais seres, “o humus” (a terra fértil) de onde se deriva o *homo*, como masculino e feminino, homem e mulher.

Se no primeiro paradigma vigora a *conquista e a dominação* (paradigma Alexandre Magno e Hernan Cortes), no segundo se mostra o cuidado e a corresponsabilidade de todos com todos (o paradigma Francisco de Assis e Madre Teresa de Calcutá).

Figurativamente representando podemos dizer: o paradigma do *dominus* é o punho cerrado que submete e domina. O paradigma do *frater* é a mão estendida que se entrelaça com outras mãos para a carícia essencial e o cuidado de todas as coisas.

O paradigma do *dominus* é dominante e está na origem de nossas muitas crises e em todas as áreas. O paradigma do *frater* é nascente e representa o anseio maior da humanidade, especialmente daquelas grandes maiorias impiedosamente dominadas, marginalizadas e condenas a morrer antes do tempo. Mas ele possui a força de uma semente. Como em toda semente, nela estão presentes as raízes, o tronco, os ramos, as folhas, as flores e os frutos.

Por isso por ele passa a esperança, como princípio mais que com virtudes, como aquela energia indomável que sempre projeta novos sonhos, novas utopias e novos mundos, vale dizer, nos fazem caminhar na direção de novas formas de habitar a Terra, de produzir, de distribuir os frutos da natureza e do trabalho, de consumir e de organizar relações fraternais e sororais entre os humanos e com os demais seres da natureza.

A travessia de um paradigma do *dominus* para o paradigma do *frater*

Sei que aqui se põe o espinhoso problema da transição de um paradigma ao outro. Ele se fará processualmente, tendo um pé no velho paradigma do *dominus/conquista* pois devemos garantir nossa subsistência e outro pé no novo paradigma do *frater/cuidado* para inaugurar-lo a partir de baixo. Aqui vários pressupostos devem ser discutidos, mas não é o momento de fazer isso. Mas uma coisa podemos avançar: trabalhando o território, o bioregionalismo, se poderá implantar regionalmente o novo paradigma do *frater/cuidado* de forma sustentável, pois tem a capacidade de incluir a todos e criar mais igualdade social e equilíbrio ambiental.

Nosso grande desafio é este: como passar de uma *sociedade capitalista* de superprodução de bens materiais para uma

sociedade de sustentação de toda a vida, com valores humano-espirituais, intangíveis como o amor, a solidariedade, a compaixão, a justa medida, o respeito e o cuidado especialmente dos mais vulneráveis.

O advento de uma biocivilização

Essa nova civilização possui um nome: é uma *biocivilização*, na qual a centralidade é ocupada pela vida em toda a sua diversidade, mas especialmente a vida humana pessoal e coletiva. A economia, a política e a cultura estão a serviço da manutenção e da expansão das virtualidades presentes em todas as formas de vida.

O futuro da vida na Terra e o destino de nossa civilização está em nossas mãos. Temos pouco tempo para fazer as transformações necessárias, pois já entramos na nova fase da Terra, seu aquecimento crescente. Falta a suficiente consciência nos chefes de estado sobre as emergências ecológicas e é muito rara ainda no conjunto da humanidade.^[1]

***Leonardo Boff** é teólogo e filósofo. Autor, entre outros livros, de *Habitar a Terra: qual é o caminho para a fraternidade universal?* (Vozes).

Nota

[1] Organizou-se um grupo internacional que se propunha “uma outra agenda mundial para libertar a vida”. Realizou-se a primeira sessão no dia 5 de maio de 2022. Cada participante (ao todo uns 20 mas nem todos participaram) tinha 10-15 minutos para apresentar sua visão do tema. O articulador era o conhecido economista italiano, trabalhando na Comunidade Europeia, em Bruxelas. O propósito básico é como democratizar os conhecimentos científicos que reforçam a busca de uma agenda que tenha por objetivo libertar a vida. Apresento aqui minha curta apresentação, feita em francês, com as ideias que tenho proposto e defendido em outros escritos. Até agora, pelo visto, a nova agenda se situa ainda dentro do velho paradigma (a bolha dominante), não se colocando a questão da profunda crise que este paradigma, o da modernidade tecno-científica, provocou e que está pondo em risco o futuro de nossa vida e de nossa civilização. Daí a oportunidade de expor claramente minha posição crítica e totalmente descrente das virtualidades deste paradigma de libertar a vida, antes a está celeremente destruindo.